



O incêndio continua

Luiz Vergara
Arte-educador
fala sobre o
Museu Nacional
e fala sobre o
colapso das
instituições e a
necessidade de
se repensar a
função de seus
espaços e atores

“As instituições [museus] precisam ressignificar o sentido de educação, porque, muitas vezes, ele ainda é visto de forma subalterna”. Essa é uma das reflexões do arte-educador – ou, como ele mesmo sugere, “curador-artista-educador” – Luiz Guilherme Vergara, referência nacional quando o assunto é a relação entre museu, público e cidade no âmbito da educação. Ao analisar o incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ocorrido no dia 2 de setembro, ele ressaltou o papel educativo e de produção de conhecimento científico da instituição fluminense, aspectos que, segundo ele, potencializam a perda que o incêndio representa. “Ali era um espaço popular, onde mais de 40% da visitação era de famílias de baixa renda, mas também tinha uma função raríssima, porque agregava campos de pesquisa de reconhecimento internacional, como o da Antropologia Social. Precisou do incêndio para mostrar essa dupla função: profundidade e educação.”

Mestre e Doutor em Arte e Educação pela Universidade de Nova Iorque, Vergara trabalhou no setor educativo de instituições como o Metropolitan Museum of Art e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, onde atuou por oito anos. Atualmente, é professor do Departamento de Artes e integrante do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos da Arte da Universidade Federal Fluminense.

O incêndio do Museu Nacional nos ensina algo?

Ainda estamos no meio do incêndio, não é mesmo? Arder. Queimar. Destruir. Não queria responder, mas se é preciso... O que foi destruído nunca mais será recuperado. Pensando em educação, é lastimável. Estamos vivendo um drama que ainda não está concluído. O que vamos aprender com isso é uma questão que ainda está em aberto, está nas cinzas. O incêndio

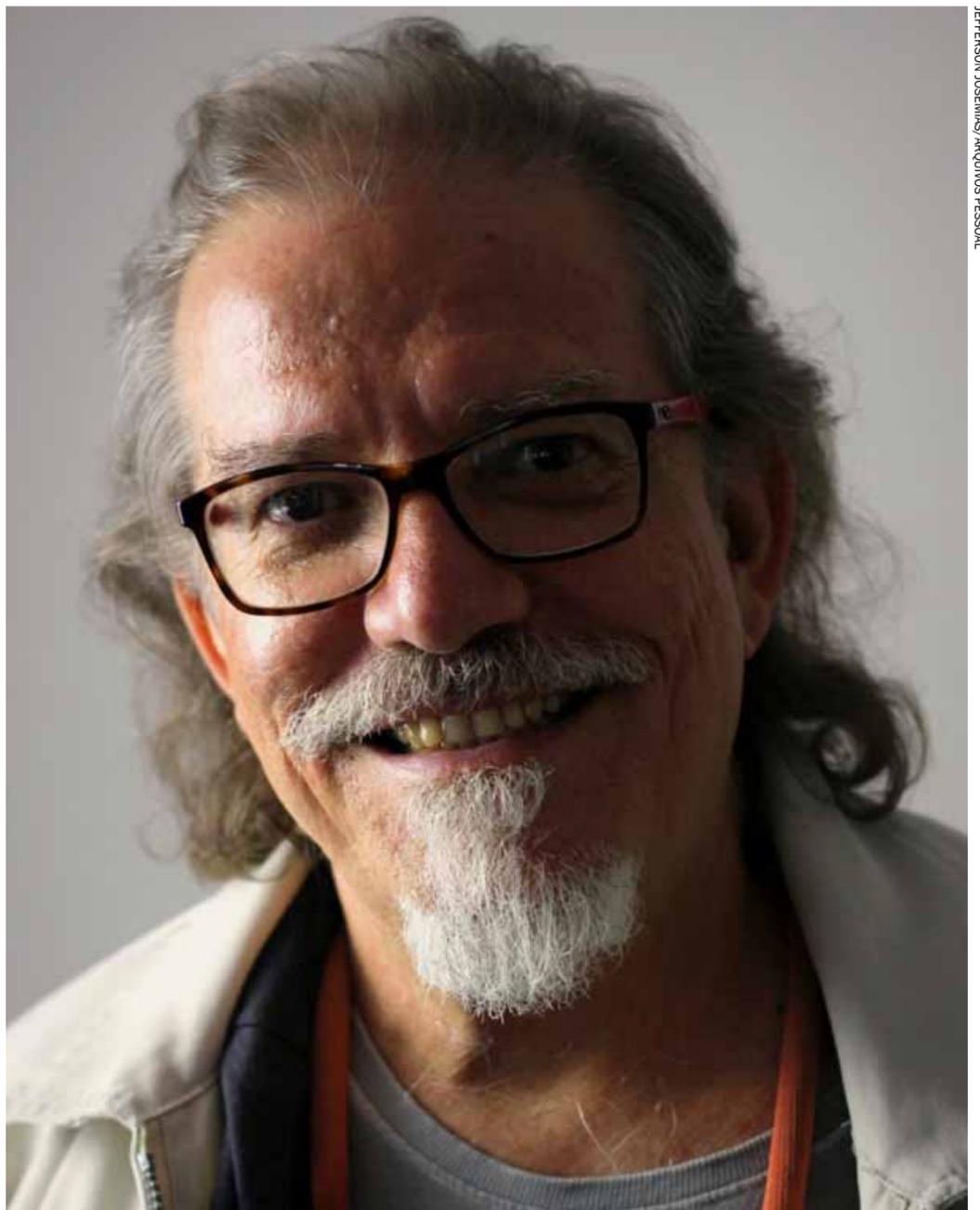
ainda não acabou. E também não começou agora, ele é mais antigo e diz respeito às instituições públicas. É a universidade pública que também está sendo queimada.

Nesse contexto dos museus, como defines o arte-educador?

Há uma preocupação em toda forma de categoria. Porque as categorias não geram potência, mas rebaixamento. Artista é artista e educador é educador, como fazer convergir esses dois campos com potência? É como dizer que o arte-educador é menor, que o educativo é menor. Essas categorias precisam ser reinventadas e revistas. Um artista que trabalha em agenciamentos, que trabalha em ações de engajamento social, que trabalha com processos de educação, reinventando, reinventando... Esse espírito livre está educando para espíritos livres. É preciso recuperar o sentido de convergência entre espírito livre, liberdade experimental, crítica, economia, e também função social. Explorar novos modos de ver o mundo é educação, mas é produção artística também. Essas duas categorias estavam separadas e merecem ser revistas: onde que essa separação gerou uma condição subalterna.

Qual a importância da transdisciplinaridade, tanto para a arte quanto para a educação?

A transdisciplinaridade é interessante, mas também é muito importante a “indisciplinaridade”. É uma desobediência inventiva, porque quem inventou as disciplinas inventou categorias. E o estado de invenção, o estado poético, artístico, ele transborda. Então, ele tem que ter um despojamento epistêmico, para que aconteça algo que seja uma nova maneira de perceber o mundo. E essa é uma trajetória que oscila. Mas hoje o corpo contemporâneo é sempre entrelaçado, embolado, emaranhado de campos diferentes de conhecimento. Eu até acharia melhor dizer que a arte seria o lugar da conectividade de saberes. O artista está fazendo contato por forças e impulsos intuitivos. Usando Mário Pedrosa [crítico de arte, jornalista e professor brasileiro (1900-1981)]: formas intuitivas, que fazem contato com saberes ainda não sabidos, consciências ainda não conscientes. E a exteriorização disso é a arte. Depois, vão ter os seus interpretadores. Um vai interpretar pela psicanálise, outro pela sociologia. A condição da potência da arte é esse cruzamento, mas um cruzamento com uma responsividade social, que permita outros entrecruzamentos, muitas vezes nem sequer previstos pelos artistas. E aí é a vida pública da arte. E aí



JEFFERSON JOSEMIAS/ARQUIVOS PESSOAIS

volta a questão das instituições, os cuidados com a arte como uma função utópica de antecipar futuros e mediar. Nesse sentido, a transdisciplinaridade não é ilustrativa; é experimental.

Em um debate, você sugeriu que o lugar do artista está na intersecção entre o mundo real e o mundo das ideias. Quais são os papéis do artista e do educador nesse espaço?

O autor Edward Casey [filósofo estadunidense] faz uma análise sobre o sentido de espaço no livro *The fate of place*. Quando fala de Platão, sobre essa divisão entre o mundo das ideias e o mundo dos efeitos, ele faz uma revisão, pra mim muito curiosa, do termo “demiurgo”, que, muitas vezes, é considerado uma crítica por artistas. Não querem ser demiurgos, pois são considerados semideuses, e o artista do século XX quer estar engajado. Mas o Edward Casey aponta que, usando o inglês, demiurgo é demiurge. “Demi” é sociedade, povo, democracia. “Urge” se refere a chamadas, urgências, necessidades. E ele fala dessa conexão de um agente que constrói essas relações

pensando com. Então, demiurge é esse conector. A educação no século XX passa a ser construtivista, e o construtivismo é você construir saberes com o outro, e não impor um saber seu aos outros. Isso vai se desdobrar em várias críticas ao próprio museu, a narrativa hegemônica de um curador impondo um valor sobre a sociedade. Então você tem esse demiurge, seja educador, seja aquele que formula novos modos de agenciamentos. Podemos falar de artistas, mas também desse lugar necessário, e esses profissionais não precisam ser obedientes a categorias, eles são exatamente aqueles que fazem trânsito, são portadores de ideias, compartilham e criam novas possibilidades com outros.

Como você descreveria o espaço do “novo museu”?

Isso não é novo. Voltando ao Mário Pedrosa, à educação que busca não ser conteudista: aproximar recepção e criação é um construtivismo. Isso tem sido uma tendência dos museus, não que esteja sendo adotado universalmente. Alguns atingem mais essa construção, os pró-

prios artistas que pensam juntos, num contexto. Não existe uma fórmula universal. São casos muito mais de indivíduos e instituições que adotam essa ética. É uma tendência de demiurge, quer dizer, a própria instituição, com uma equipe curatorial, transdisciplinar e tudo, vai estabelecendo como princípios fundamentais a interlocução social, colocar a sociedade em contato, romper comportamentos passivos. Isso tudo envolve pedagogia, crítica de arte, vários posicionamentos da arte.

Seria então mais uma questão da maneira de utilizar o espaço, e não o espaço em si?

Exatamente. Até porque o que é o espaço se não a maneira de utilizá-lo? É a maneira de utilizar que vai construir afetos, novas relações. O espaço é exatamente o campo entre paredes, é com ele que a gente está lidando. É o sujeito que entra, que é respeitado, acolhido por seus saberes e que faz contato com saberes que ainda não tinha.

Natalia Henkin,
estudante do 7.º semestre
de Jornalismo da UFRGS